

Conferências proferidas por Silvia Bleichmar na inauguração da Constructo



Fonte: *Acervo pessoal da autora.*

Conferência II

Soubes que a reunião anterior foi muito exitosa, muito interessante, muito estimulante e, realmente, alegrou-me muito não estar presente, para que fique claro que a estimulação não passa necessariamente por mim, mas sim pela possibilidade de vocês mesmos refletirem.

Gostaria, antes de desenvolver os temas, de voltar a falar sobre como penso, neste momento, a questão psicanalítica. Trago um fato retirado de um livro de Todorov sobre a conquista da América, no qual esse autor conta que, no mês de junho de 1493, segundo as notas de frei Bartolomeo de Las Casas, Colombo, tendo chegado à Cuba, precisava demonstrar que o país era terra firme e não uma ilha. A razão pela qual Colombo precisava demonstrar que Cuba era terra firme e não uma ilha era pela suposição prévia de que só se encontrava ouro em terra firme. Quando chegam e os nativos do lugar lhe dizem que Cuba é uma ilha, Colombo, em primeiro lugar, desqualifica quem disse aquilo, primeiro argumento de desqualificação de um enunciado. Então, ele diz, e eu o repito textualmente, lendo-o em espanhol antigo: “são gente selvagem, pensam que todo o mundo é ilhas e não sabem o que é a terra firme. São iletrados, não têm memórias antigas nem se deleitam em outra coisa senão em comer e em mulheres. É por isso que diziam ser uma ilha”.

Não sei se vocês acompanharam o argumento pelo qual Colombo desqualifica o interlocutor. Porém, não contente em desqualificar o enunciado e aquele que o enuncia, Colombo aplica um argumento de autoridade e diz: “todos devem descer à terra e cada um deve fazer um juramento que afirme que, certamente, não há dúvida, é terra firme. Afirmarão e defenderão que é terra firme e não uma ilha. E que, antes de muitas léguas, navegando por tal costa, encontrar-se-ia terra onde tratam gente política de saber e que conhece o mundo com pena de dez mil *marabedies* [moeda da época] para cada vez que fosse dito a alguém o contrário [quer dizer, que estava numa ilha]. Além disso, se quem o dissesse fosse um grumete ou pessoa de tal tipo, dar-lhe-iam dez chibatadas e lhe cortariam a língua”. É o “Juramento de Cuba”, primeiro ato dogmático que se produz na América.

É real, está escrito por Freud. Creio que esse juramento deve ser o nosso anti-modelo. Não se pode desqualificar um argumento por quem o diz ou

porque atenta contra o desejo de certeza que se tem. Por quem o disse, quero dizer, como se diz: “não, mas isso é kleiniano ou isso é lacaniano ou isso é winnicotiano”. Não se pode descartar um argumento por quem o disse ou pela escola ou instituição a que pertence. Não se pode descartar um argumento porque atenta contra nossas certezas ou contra aquilo que desejamos. Creio que isso deve ser o princípio central de uma instituição, de um grupo de pessoas que se proponha como lugar de um pertencer científico e não como uma corporação profissional.

Logo, quero retomar alguns enunciados a respeito de até onde os paradigmas de base da psicanálise podem enfrentar as novas questões que vão sendo propostas, entre as quais se pode assinalar a realidade virtual, o caminho da inteligência artificial ou a manipulação genética. E ao dizer caminhos da inteligência artificial, não me refiro somente ao computador, mas também à possibilidade futura de ligação entre o cérebro e o computador, algo que já está em processo experimental, que não podemos desconhecer e que é muito interessante.

Eu dizia, ontem, que uma das tarefas mais importantes seria separar, tanto nos enunciados freudianos como nas grandes escolas pós-freudianas, seus núcleos de verdade, para além das impregnações culturais e das importações de outros campos científicos que já não se sustentam. Com isso, quero dizer que não se pode descartar um conhecimento intrateórico porque foi descartado do campo do qual provinha. Um exemplo é a teoria filogenética freudiana, insustentável do ponto de vista da biologia. Disso não há dúvida. A biologia demonstrou que não se pode transformar a experiência histórica em ADN, em informação genética. A experiência não é codificável por ADN, a experiência simbólica não é codificável por ADN. Mas vocês sabem que a teoria atual a respeito da sobrevivência biológica não está colocada em termos de adaptação, mas sim em termos de reprodução. Segundo os desenvolvimentos de S. Gould – é um de nossos amores neste

momento, digo isto porque Kenia também o ama –, uma das variações mais importantes da teoria da evolução é o fato de que já não se considera que a humanidade, que a linha de evolução que culmina, digamos, no *homo sapiens*, culmina por agora, pois o *homo sapiens* está a ponto de dar um salto que ainda não sabemos aonde irá nos levar...

A evolução, tal como a conhecemos, tem uma característica: ela não se produziu por adaptação, mas sim a partir do fato de que não foram as espécies mais aptas à adaptação que sobreviveram, mas sim aquelas que podem se reproduzir.

Vou dar um exemplo: suponhamos que, de repente, se produzisse um ruído muito alto que liquidasse todos aqueles que ouvem e só sobrevivessem os surdos. A partir deste momento, então, a humanidade se constituiria como uma humanidade de surdos. Não seria uma humanidade incapacitada, mas sim outra humanidade. As crianças que nascessem e escutassem não teriam qualquer possibilidade de implementar a audição e nem seriam compreendidas por aqueles que ouvem. Se nascessem crianças que ouvissem, elas talvez não poderiam sobreviver, porque não lhes sobraria a audição, faltaria o elemento que lhes permitiria se adaptarem a uma sociedade em que existisse esse ruído.

Não sei se vocês se dão conta da complexidade do processo de adaptação. A nova humanidade não teria música e possivelmente nem narração oral. Seria preciso encontrar formas de organização da cultura com uma agudização dos outros elementos associados aos sentidos. Quem sobreviveria? Sobreviveria a reprodução mais apta a sustentar-se nas novas condições. Não sobreviveria aquele que, ouvindo, se adaptaria. Os que têm filhos que ouvem morreriam com eles, de maneira que o tema de mutação seletiva não é um problema de adaptação, mas sim de engendramento de condições que determinam possibilidades de existências das novas espécies.

Por que abordo isso?

Em primeiro lugar, vocês percebem que trago uma metáfora sobre as instituições. Não se reproduzem os que se adaptam, mas sim os que sabem engendrar, os que saibam engendrar algo que valha a pena. Começamos por aí. Em segundo lugar, porque, nestas condições, é evidente que a teoria filogenética, o neolamarquismo já não pode ocupar qualquer lugar na história da ciência.

No entanto, eu me recusaria, hoje, a abandonar totalmente a filogenética sem entender por que Freud introduz a teoria filogenética em sua obra, abandoná-la por ter sido desprezada pela biologia. Uma vez que uma importação de conceitos se produz, o que importa é a sua fecundidade e serventia no interior da própria ciência. O problema da teoria filogenética não é só que não sirva do ponto de vista da adaptação biológica, mas sim que consiste em uma tentativa de resolver um impasse no interior do freudismo, que está aí para construir uma hipótese *ad hoc* acoplada, para, em lugar de revisar as hipóteses prévias que levam a um impasse, arrumá-las.

Em suma, a teoria filogenética é uma tentativa de Freud de reintroduzir a história em seu momento de máximo endogenismo. No entanto, em lugar de reintroduzir a história no sujeito, ele a reintroduz na espécie. Assim, ele articula uma biologia mítica que lhe permite retomar a experiência, não na experiência histórica de cada sujeito, mas sim no conjunto da espécie. Freud reintroduz, através da filogenética, a história que expulsou pela porta quando desprezou a teoria traumática em nome da teoria da fantasia endógena e da pulsão. Logo, não posso descartar a filogenética sem antes discutir para que lhe serviu e repensar os modos pelos quais poderia, hoje, ser reproposta. Com isso, quero dizer que as gerações indubitavelmente transmitem às gerações seguintes sua própria experiência invertida, no

sentido de transcrita não sob as formas diretas das instâncias psíquicas – o que numa geração foi da ordem da experiência, em outra pode ser da ordem do inconsciente. Pode ser transmitida, digamos, alternando-se. Como diz Laplanche, filogenética é transmissão da neurose e não adaptação de uma geração à outra.

Porém, deve-se, sim, propor a possibilidade de que a teoria filogenética sirva para pensar os modos com os quais se transmite a experiência de uma geração a outra, e não necessariamente através da biologia. As formas como são transmitidas as gerações à história.

Proponho isso, então, para apontar como não se pode trabalhar a obra freudiana rejeitando ou aceitando em bloco cada enunciado, mas sim a partir do contexto que determinou sua produção.

A segunda questão que quero trabalhar hoje é que a fecundidade de um campo de conhecimento só pode ser revelada pela capacidade de abrir-se a tarefas e a práticas inéditas, mas também pela possibilidade de pensar as questões, antecipando-se as mutações e catástrofes na realidade em que se instala.

Não podemos dizer, por exemplo, que a adoção de crianças por homossexuais é um problema restrito que não nos interessa. Seria propor algo que falseia ou põe em risco as hipóteses centrais que temos sobre o Édipo, na medida em que é comprovado, a esta altura, que as crianças adotadas por casais homossexuais ou engendradas por pares de lésbicas (porque, assim como os homossexuais homens adotam, as mulheres homossexuais engendram) não são mais psicóticas do que filhos de pares heterossexuais. Assim, há duas possibilidades de resposta: ou propor, em uma regressão histórica, que a psicose é da ordem da genética biológica ou conceber que o modelo edípico de que dispomos é ultrapassado e deve ser repensado, como eu

dizia ontem, não em termos da história do papai e da mamãe e da diferença, mas sim em termos da assimetria constitutiva na relação entre pais e filhos e nos modos pelos quais se produz a interdição do gozo na apropriação do corpo do filho.

Eu poderia dizer mais. Em geral, os pares homossexuais têm sempre filhos desejados, não podendo ter filhos não desejados. Isso é extraordinário.

Não é um problema dos pares homossexuais, sim? Bom, por enquanto é assim. Pode ser que algum desejo mais que outro. Não só isso. Temos de pensar em estudar mais seriamente. Vocês sabem que há diferenciação nos papéis. Nos pares homossexuais, há alguém que é mamãe, alguém que é papai, alguém que ocupa uma função e alguém que ocupa outra. Nos pares de lésbicas, por exemplo, a mãe é quem engravida, ou se alternam para engravidar, com doação de espermatozoides, não necessariamente estabelecendo relação com um terceiro. Ao ter se produzido essa eclosão e a transformação dos modos de engendramento pelo avanço biológico, alteraram-se as formas de ligação e de gerar filhos. O que não mudou é o que eu lhes dizia antes: o fato de seguirem tendo os filhos simplesmente por algo que é da ordem do desejo ou do amor, e não da conservação ou do instinto.

Para poder dar esse salto e pensar essas novas questões, temos dois grandes lastros que a psicanálise arrasta ao longo do século. Por um lado, há o biologismo inatista, que, em Freud, se expressa através da aderência ao fisicalismo. Digamos que ele nasce, em Freud, como uma vertente importante em seu pensamento, embora não seja a vertente central. Por outro lado, há a resposta do estruturalismo historicista lacaniano. Digo “por outro lado” porque é inevitável pensar que a vertente kleiniana é a continuação da radicalização da segunda tópica freudiana com o conceito de id, com o fantasma originário, com a fantasia ocupando o lugar do fantasma originário e com a inclusão do superego e do eixo fundamental

da culpa como problemática das neuroses. O eixo da culpa ocupa um lugar central em toda a teoria freudiana das neuroses a partir de 1920. Não nos primeiros tempos. Nos primeiros tempos da obra, a culpa não é central. Culpa e Édipo são duas posições que vêm acopladas na obra freudiana. Uma das perguntas que nós fazemos é até onde se sustenta, hoje, o eixo da culpa em nossas análises. Isso é muito interessante, porque, por vezes, temos a impressão de que temos pacientes “à antiga”, que sentem culpa.

O que trazem a maioria dos pacientes é uma discordância entre desejo e ansiedade social, por um lado, ou, por outro, desejos de ego e impossibilidade de realização. Mas o eixo da culpabilidade é toda uma questão.

Creio que, embora o eixo da culpabilidade se sustente na ideologia do século passado, não se pode ver que a origem da culpabilidade é insustentável, na medida em que implica a responsabilidade em relação a um terceiro. O problema passa, então, pelo fato de que o abandono do autoerotismo e a renúncia aos aspectos perversos só podem ser propostos sob dois eixos.

Se alguém se deita com a mãe e liquida o pai ou se deita com o pai e liquida a mãe, o que se propõe é, simplesmente, que a realização do desejo põe em risco um terceiro.

Essa é a questão central que deve ser proposta, para além de qualquer ideologia. Estamos, então, em um duplo movimento: por um lado, a depuração dos enunciados e, por outro, a reformulação dos enunciados.

Estou revisando, neste momento, uma série de textos freudianos. E notável que os textos metapsicológicos são absolutamente transponíveis ao ano 2000 – os leio e não tenho nenhum problema em usar as palavras de Freud. Contudo, os textos sobre sexualidade feminina ou sobre o Complexo de Édipo conservam doses importantes de verdade e outras que são de um

anacronismo escandaloso. Por exemplo, Freud não fala da castração como uma teoria sexual infantil. Diz “a mulher castrada”. Faz seu o discurso da criança. E os psicanalistas repetem isto. Quando Freud se questiona sobre a sexualidade feminina, ele o faz enquanto homem, e diz que os homens sempre tiveram o enigma da sexualidade feminina. Lacan o transformou em um enigma da humanidade. Uma das tarefas que a psicanálise não encarou com seriedade é o problema da sexualidade masculina. A sexualidade masculina é um tema que nunca foi trabalhado seriamente pela psicanálise. No *Homem dos Lobos*, no *Homem dos Ratos* e em *Hans*, há questões gerais que marcam a masculinidade. Porém, são questões em que, aparentemente, a existência do pênis real anula o enigma. Tenho me dedicado, neste momento, a repensá-las. Proponho, agora, algumas coisas em relação a isso. Por quê?

Há um filósofo francês althusseriano que disse que a psicanálise tardou a entrar na França por uma mescla de moralismo, antissemitismo e esquerda stalinista. Ele afirma que esses três aspectos impediram que a psicanálise entrasse durante muito tempo.

Bem, a aliança mais grave que temos neste momento para explorar a sexualidade masculina é o feminismo, por um lado, e o retrógrado de certas posições dos psicanalistas, por outro. É extraordinário como ambos se tocam. Há um autor e antropólogo chamado David Gilmore, editado pela Paidós, que deve estar traduzido para o português. Neste momento, há muitos textos sobre esse tema, há muita literatura sobre a sexualidade masculina. Gilmore, estudando uma série de questões antropológicas, propõe que a mulher “é” desde que nasce e que o homem é um produto. A mulher pode ser melhor, pior, mais prostituta, mais dona de casa, mas não é destituída. O homem tem de fazer-se homem e pode ser destituído de sua condição de homem — e não por sua sexualidade, mas sim por sua conduta. A partir disso, o autor propõe os modos pelos quais a masculinidade se

constitui nas diferentes culturas. Ele elenca uma série de experiências muito interessantes e que, de algum modo, corroboram uma antecipação que proponho em um texto de *Nas origens do sujeito psíquico*, na edição em português, sobre masculinidade, no qual abordo uma série de ritos de passagem na cultura de Zâmbia, onde os homens a certa idade não são apenas separados das mulheres, mas também submetidos a uma série de rituais de masculinização, como a ingestão do sêmen de outro homem para tirar do corpo os influxos da mãe.

Trago isso porque, naquele trabalho, formulei a seguinte pergunta: “o que o homem incorpora para se fazer homem enquanto homem sexuado”? E formulo, assim, um conjunto de questões muito interessantes. Há uma série de textos neste momento – e uma história natural da homossexualidade – nos quais estão colocadas todas as formas de homossexualidade ritual, que não são homossexuais, mas sim formas de masculinização no processo de constituição da subjetividade do homem. Quero dizer, com isso, modos rituais que tentam, de alguma forma, através de algo que, para nós, seria homossexual, convertê-lo em homem. Mas não é homossexual, pois o que buscam não é submetê-lo como mulher, mas sim constituí-lo como homem, em um paradoxo que, supostamente, o submete. Não desenvolverei esse tema agora, mas ele me permite introduzir operadores que não são levados em conta, pois um dos problemas da psicanálise é que ela também transformou a forma de constituição da subjetividade no Ocidente em um modelo para todo o mundo. Certamente, uma série de paradigmas freudianos se mantêm no que estou dizendo. Por exemplo, a constituição do sexo não é algo da ordem da biologia, mas sim do símbolo, e o símbolo está determinado por algo que a cultura impõe através da produção e do intercâmbio fantasmático e não de enunciados educativos ou pedagógicos. Tudo isso só pode ser pensado em Psicanálise.

Trago isso pelo seguinte motivo: ontem submeti à discussão a diferença

entre polimorfismo perverso e perversão na infância, central em nossos diagnósticos, e entre jogos sexuais e práticas sexuais infantis, que têm um caráter diferente. Propus que as práticas sexuais infantis são vistas como jogos sexuais infantis, como uma forma defensiva do adulto que ainda quer sustentar o ideal de inocência na infância através do conceito de polimorfismo perverso. Isso é extraordinário, porque, na realidade, retorna o ideal pré-freudiano, propondo que o que as crianças têm não é sexualidade. É polimorfismo perverso, são jogos sexuais. Em muitos casos, vemos justamente o contrário. Depois abordarei um caso com essas características, mas, antes disso, gostaria de sublinhar o seguinte: trabalhei, durante muito tempo, como vocês sabem, toda a questão da constituição dos tempos estruturais da tópica, o recalçamento originário, os tempos anteriores ao recalçamento originário, a diferença entre o arcaico e o originário, o ordenamento posterior através do recalçamento secundário. Neste momento, o que me proponho é pensar sob que modos se introduzem as formas de sexualidade, como essas formas se ordenam nesse processo de constituição tópica.

Dizia, ontem, que os estudos de gênero estão propondo uma substituição do conceito de sexo. E, na minha opinião, é um novo jogo de dessexualização. Por que dessexualização? Porque o gênero é da ordem dos enunciados históricos e sociais que se relacionam com os papéis, com as práticas sexuais. Ser mulher, por exemplo – o que discutem as feministas a respeito do gênero? Que ser mulher é ficar em casa, é não falar, é fazer isso ou aquilo. E ser homem é tal coisa. Como vocês sabem, isso remete aos papéis sociais do masculino e do feminino e não à sexualidade. Esses estudos entram, minimamente, na questão da sexualidade quando se pergunta se a mulher pode ou não gozar e no modo como a cultura propõe isso. Mas, em princípio, eu diria que a divisão central da humanidade em homens e mulheres, como diria Freud, é uma teoria infantil. Por isso me recuso a falar da psicanálise do menino e da menina, assim como me recuso a

falar de psicanálise de brancos e negros, de ricos e pobres. Enfim, sobre que critérios defino o “de menino” e “de menina”? Não posso definir mais do que a partir do ego, porque a categoria de menino e menina estão no ego. Ou o defino pela biologia ou, na tópica psíquica, pelo ego. Proponho, com isso, que vejo a psicanálise não a partir do inconsciente, mas sim do ego. Quando um paciente entra em meu consultório, não sei se é homem ou mulher ou o que é. Ele, depois de um tempo, também não sabe isso sobre mim. Crê saber que sou uma mulher quando começa e, quando está na metade da análise, nem sabe quem sou. Por quê? Porque o que ele começa a desconstruir precisamente são as formas ligadas de gênero, tais como foram propostas pelo ponto de vista da sociedade. Portanto, não posso tomar a categoria diferenciadora para voltar ao pré-freudismo. No entanto, há elementos do gênero que são interessantes e, pelo que conheço do material de Luciana, aí está presente, desde o começo, a categoria de homem e mulher, não masculino ou feminino, o que é outra história.

A divisão em homem e mulher é anterior ao conhecimento da diferença sexual anatômica. A descoberta freudiana é precisamente a não-redução da sexualidade ao masculino e feminino, o descobrimento da sexualidade ampliada em termos pulsionais. Isso se dá nas origens da vida, porém, os pais fazem, ao mesmo tempo, propostas egóicas da ordem do gênero, identificatórias: isso é uma menina, isso é um menino, essas são cores que usam, essas são as que não usam. Quando não ocorre assim, teremos um transtorno de gênero e não um transtorno da sexualidade. Assim, sexualidade anárquica pulsional e gênero andam juntos nos primeiros tempos, embora a sexualidade pulsional vá para o inconsciente e o gênero tenha seu lugar no ego.

Um menino que, aos 4 anos, quer ser menina não sofre de um transtorno sexual, pois ainda não conhece a diferença anatômica e não está definido pela castração; é pré-castratório. É algo que se articula sob dois modos:

pode ser efeito de uma recusa da identificação masculina ou de uma falha constitutiva na identificação primária, que faz com que o sujeito só possa se constituir à imagem e à semelhança do outro na superfície, como se a superfície da pele tomasse, mimeticamente, como ocorre nos autismos ou nas psicoses, a forma do outro, sem que isso esteja articulado no reconhecimento da diferença clássica fálico/castrado. Porém, esse primeiro tempo, que aparece do lado do ego, do gênero, em certo momento entra em contradição com o descobrimento da diferença anatômica.

Propõe-se, então, o seguinte: o que o menino quer é ser mulher. Como vai entrar o descobrimento da diferença anatômica nesse desejo de ser mulher? O que fazer com seu pênis? Na mulher, isso foi proposto muito mais classicamente: vai seguir pensando que ele cresce, diria Freud. É muito difícil. Uma das características dos primeiros tempos da vida é que ambos ficam identificados, até agora nas formas de criação que temos, àquele dos progenitores que ocupe um lugar mais pregnante na relação com a criança – quero dizer, a que está mais tempo é a mãe. Há um desprendimento, que, por agora, segue sendo assim, do corpo biológico da mãe, e isso não se pode mudar. Então, em certos momentos, o gênero e a sexualidade entram em contradição ou terão de entrar em confluência. Logo, surge a questão da sexuação ou do sexo, que é a concordância entre o desejo genital e a assunção da identidade sexual, entendida como uma concordância entre desejo genital, gênero e modos da sexualidade.

Vou dar um breve exemplo, que comentei ontem, extraído de um material publicado em na revista “Actos”, dirigida por um sociólogo francês. Nesse número, uma antropóloga americana conta sua experiência e recolhe entrevistas, tomadas em uma grande favela nos arredores do México, de travestis, uma delas muito extensa. Trata-se de uma cidade perdida que foi construída como cidade satélite e nunca chegou a ter serviços sanitários. Carlos trabalhou muito ali, em sistema de saúde. Há 20 anos, havia um

milhão e meio de pessoas diurnas e dois milhões e meio noturnas, sem sistema cloacal, sem luz elétrica. Uma coisa terrível. Mas há, ali, uma vida como a de cidade, é como um inferno urbano desta época de fim de século. Há, nessa cidade, um cabeleireiro que acolhe e cuida de travestis. Ela conta a história de um travesti que se chama Martin e que agora quer ser Marta. O interessante é o seguinte: Martin lembra-se de que, quando era muito pequeno, gostava das coisas da irmã, de brincar de bonecas. Quando ganhava um carrinho, brincava um pouco e logo o deixava de lado para brincar com as coisas de meninas. Isso ocorreu durante um tempo, quando sentia muito desejo de ser menina. Não conhecemos os determinantes, porque a entrevista foi feita em um modo de construtivismo antropológico. Muito cuidadosa, mas sem o estabelecimento de perguntas nem de hipóteses a respeito do que determinou isso na sua primeira infância. Aos seis anos, ele começa a ser seduzido por um vizinho que descobre nele esses aspectos, digamos, de gênero. Ele tem uma enorme curiosidade por olhar o pênis dos homens. É surpreendente, pois os homens não têm vontade de ver os pênis, são as meninas que vão olhar os pênis dos homens. Porém, ele gostava de ver os pênis, não se sabe por que motivo nem o que isso pode ter a ver com o pai e tampouco a história por trás. A questão é que um vizinho descobre isso e estabelece uma relação de sedução com ele, relação que dura vários anos.

Eu diria que se produz uma passagem de algo da ordem da identidade de gênero, que se plasma como prazer sexual. Plasma-se, coagula-se aí algo da ordem de um gozo genital precoce, efeito da sedução. Ele o expressa de uma maneira extraordinária: “antes que eu soubesse se queria, ele fez isso comigo.” O que ele está dizendo é que alguém que inicia sempre em um gozo que se associa aos desejos de gênero articula algo da ordem da genitalidade que não estava anteriormente colocado. Isso durou um bom tempo. Quando tinha dez ou onze anos, o pai decide fazê-lo trabalhar com ele para torná-lo homem. E então o põe a trabalhar muito e, supostamente,

isso não o faz homem. É o equivalente do que fazem os psicólogos quando mandam os meninos estudarem karatê ou fazerem coisas do gênero para que se masculinizem. É a mesma coisa e não serve para nada. Isso os excita mais, pois estão em contato com o corpo de outros meninos.

Depois disso, então, ele é expulso da escola devido às suas inclinações sexuais. Ele começa a vagar, é acolhido por esse cabeleireiro e descobre que há homens que se vestem de mulheres. O travestismo não aparece nele como uma defesa fetichizada diante da castração, mas sim como uma forma de pôr em concordância gênero e sexo. A partir disso, ele se faz travesti. Coloca-se, assim, a seguinte situação de conflito, que, lamentavelmente, não é contada por um analista: ele disse que tem muito orgulho de ser homossexual, que não se considera um travesti, pois os homossexuais foram grandes homens na humanidade, produziram literatura. É o mesmo que dizem todas as minorias. Todos os judeus inventaram a teoria da relatividade. É a forma como as minorias reivindicam e se defendem da angústia que a marginalização produz.

Esse jovem afirma sentir muito orgulho de ser homossexual pois os homossexuais produziram muitas obras, escreveram muitos livros, fizeram música, o que está totalmente certo. Há uma enorme parte da cultura que foi produzida pelos homossexuais. Assim como a ciência está cheia de judeus, a cultura está cheia de gays.

A questão é que ele propõe isso e, ao mesmo tempo, afirma querer fazer uma cirurgia. Por quê? Porque ele não suporta mais ter um corpo masculino frente a seu desejo feminino, isso o marginaliza socialmente. A única razão para uma cirurgia é sua necessidade de pôr em harmonia sua vida sexual e sua identidade.

No entanto, para isso, ele precisa abandonar seu orgulho gay. Surge o

conflito. A cirurgia não é da ordem de um desejo psicótico, mas de um desejo desesperado de acomodação social em face da marginalização.

Vemos, aqui, de uma maneira muito surpreendente, a forma como se articulam os problemas da constituição do psiquismo com os problemas de constituição da subjetividade, bem como a importância da sua diferenciação por parte do analista, de modo que possa situar, com precisão, os conflitos que se estabelecem.

O segundo caso que quero comentar diz respeito a uma criança de sete anos que consulta por um transtorno de aprendizagem. O paciente estudou em uma escola tradicional, confessional, religiosa até o segundo ano. Então, os pais decidem matriculá-lo em uma escola de caráter mais ativo, construtivista. Ele é muito inteligente, mas sofre de uma desorganização importante nesse momento e se caracteriza pela agressão. Estes são os motivos da consulta: dificuldade escolar, agressão e desorganização. Ele pega as figurinhas de um amigo e, tendo-as em mãos, rasga-as na cara dele. Luta para obtê-las e, quando consegue, ele as rasga diante do amigo, o que indica um desejo de triunfo sobre o outro, com certo sadismo, e não a luta pelo objeto.

Suponhamos que pensássemos na teoria da inveja: mesmo que o objeto pudesse ser cobiçado, eu não poderia pensá-lo com respeito à inveja. Entretanto, o que chama a atenção é a maneira como esse modo se liga em toda sua forma de funcionamento. Ele pega a figurinha e a rasga. Trata-se de um exercício de poder. Não quer seguir as ordens da professora, não pode fixar a atenção, está sempre dando voltas na sala de aula, o que não ocorria no colégio confessional. Sigo o material conforme foi apresentado a mim pelas psicopedagogas que me consultaram para esse caso.

Até aqui, parecia que a troca de método escolar teria produzido a

desorganização. Vamos descartando variáveis. Ela não explica o sadismo, mas poderia explicar a desorganização. Também contam que, há três anos, ele teve um irmãozinho, outro elemento para pensar em rivalidade e agressão. Tira más notas. Diz o tempo todo que não quer estudar. Chora em certos momentos, acorda chorando, dizendo que sente dor e não quer ir à escola.

Até aqui, percebe-se que seria possível formular várias hipóteses sobre o que lhe ocorre. Agora vem algo extraordinário. A mãe diz assim: “ele tem um impulso de apoiar o pênis na bunda de um companheiro, de um colega”. Este é o modo como a mãe explica, como uma compulsão. Isso já dá ao quadro todo um caráter diferente. Ela disse que, aos cinco anos, ele teve uma experiência traumática. Um primo três anos mais velho, com quem brincava, pediu que ele chupasse o seu pênis. Surge, aqui, a questão de pensar o tema da assimetria, não somente como intergeracional, mas também no interior das próprias gerações. Um menino três anos mais velho se aproveitando de um menino três anos mais novo não é um jogo sexual, mas sim algo da ordem do abuso. O namorado da mãe obrigava esse primo a ver filmes pornográficos e a mostrar o pênis. Isso vai aparecendo *a posteriori*.

Nesse momento, a mãe de Antônio faz uma consulta. A psicóloga disse que não ficam indícios do que ocorreu. Claro, suponho que o menino se fechou pela defesa. Não sei o que esta mulher esperava encontrar. Que indícios buscava? A mãe pergunta: não será homossexual? Essa é a pergunta que a mãe traz. No entanto, é um menino que fala muito de sexo, de namoradas. Disse que tem uma namorada, conta a terapeuta.

Se seguimos essa sequência, poderíamos dizer que, no momento do descobrimento da diferença anatômica, ele era um menino que não tinha nenhum transtorno do gênero, diferentemente do outro caso que vimos.

Ocorre, então, um episódio de abuso ou de sedução, caracterizado por uma proposta regressiva a uma posição oral passiva masculina com o pênis do outro, com passagem do seio ao pênis.

Assim, em princípio, reaparece o que eu lhes dizia ontem: a relação existente entre algo da ordem genital e algo da ordem pré-genital, que se coagula na relação proposta. Entretanto, além disso, nos jogos que se articulam, chupar também é ser penetrado.

A resposta que se dá é uma intenção de libidinização desesperada, de masculinização desesperada. Não aceita ordens de ninguém, exerce um jogo de poder permanente com seus colegas, joga a mochila o tempo todo, lançando-a no ar.

Agora, falemos sobre o tema da atenção. A criança tinge tudo com sua angústia. O impressionante é que a mãe disse que o outro menino, seu sobrinho, é tranquilo, respeitoso e quietinho.

Antônio diz algo que aparece de repente, em momentos de desorganização. Segundo os pais, é algo que não tem relação com nada do que está ocorrendo, uma espécie de repetição de uma expressão: “caquinha peluda”. O que é interessante, pois pareceria estar muito próximo da relação existente entre a equivalência pênis-fezes, por um lado, e, por outro, o “peludo” do genital feminino que aparece como um elemento indiciário muito importante nas problemáticas infantis da sexualidade.

O que está mais próximo hoje, para as crianças, da castração – castração “paterna” – não é o sapato, como na época de Freud, mas sim os pelos que são vistos. Hoje, não há brilho nos sapatos, mas sim pelos, porque as crianças conseguem ver os genitais ou a ausência de genital materno, e o que veem são os pelos em lugar de um genital.

Essa “caquinha peluda” tem um caráter traumático-evacuativo. Na sequência, eu gostaria de fazer um diagrama das diferentes estruturas em jogo nessa criança. Faz desenhos onde aparecem os seios, e têm aparecido condutas de muito sadismo mortífero. Ele tem metido a cabeça dos irmãos debaixo d’água na piscina. Os pais disseram: “ele não escuta quando pedimos que não faça isso”. É incrível, é como se os pais pensassem que as palavras evitam os atos. Ele disse: “Eu amo meus irmãos”. Não quer ler. Os informes escolares são interessantes. Por exemplo: “[...] se adequa à tarefa de grupo, mas às vezes lhe custa se manter conectado, distrai-se com facilidade”. Em outro momento: “Antônio é muito inteligente e muito rapidamente se incorpora às situações de aprendizagem, entretanto [...] – e aqui vem as hipóteses – e quem sabe pela mudança de contexto escolar, com maior participação e iniciativa dos alunos, e sendo um grupo pouco numeroso, sua participação não é sempre adequada, e, em certas ocasiões, fica deslocado frente à normativa da aula”. É surpreendente como os pais oferecem hipóteses, os professores oferecem hipóteses, e ninguém associa tudo isso às coisas que ele viveu. Presumidamente, os professores não têm por que associar. Porém, é muito interessante como as hipóteses correspondem a um contexto explicativo.

Volto ao tema de ontem: qual é o nosso contexto explicativo? Se, quando nos trazem uma criança, dizemos que ela está inquieta por uma mudança na escola, qual é nosso contexto explicativo? O que pensamos sobre a teoria da libido ao dizer isso? O que quer dizer “mudança na escola”? Quer dizer perda de certas referências? Desorganização de mecanismos de defesa habituais? Os informes dizem que sua situação é ambígua: em certos momentos, compartilha e dialoga e, em outros, suas atitudes são de enfrentamento corporal e verbal em relação aos companheiros ou de pretensão de submissão do outro. Obriga seus colegas a fazerem ou lhe darem coisas que, em realidade, não lhe importam; o que importa é manter

o outro submetido. A professora disse que não conhece nada do episódio que eu lhes comentei: “[...] às vezes com ameaça ou menosprezo”.

Gostaria de propor um diagrama nos seguintes termos: há dois tipos de manifestação de transtorno. Por um lado, há, suponhamos, nesse paciente, alguns transtornos que parecem ser uma tentativa de transformação de passivo em ativo, transcrita, porque não tenta a sedução sexual ou o assédio. Essa forma de transformação de passivo em ativo se converteu em um traço de caráter e tem todas as características de um traço de caráter restitutivo, supercompensado e neurótico. A tal ponto que é muito possível que esse jovem não só exerça essa forma de violência com outros meninos, mas sim que, com o tempo, as exerça com as mulheres, e se transforme no que as feministas chamam de “machista”. Assim, teremos um futuro “machista”. Por outro lado, digamos que tenta uma elaboração restitutiva da agressão sexual sofrida, muito mais frequente do que supomos, neste momento, nos meninos, e muito mais renegada pela sociedade. Como dizia antes, em grande parte das consultas, constatamos, nos meninos, menos angústia de castração do que angústia de submetimento passivo de penetração. Essa é uma corrente mais neurótica, ainda que tenha aspectos de sadismo. Contudo, trata-se de um sadismo sublimado, um sadismo sobre o objeto, sobre o pertencer, ou de uma forma de não fazer caso da professora ou de não cumprir ordens. Estamos, aqui, diante de uma corrente neurótica da vida psíquica que tenta um contrainvestimento do submetimento passivo vivido. Porém, há outra corrente da vida psíquica, a da “caquinha peluda” ou aquela associada ao fato de tentar afogar o irmão. Ou é aquela atinente à incapacidade de fixar a atenção. Aqui, pretendo enfatizar a atenção, pois a atenção – ou, nesse caso, a hipercinesia – é efeito de quantidades de excitação que não têm resolução na vida psíquica e que tomam uma passagem à motricidade desorganizada. Portanto, estamos diante de uma estrutura mista: uma neurótica que tenta uma compensação e uma desorganizada com um núcleo psicótico, pois “caquinha peluda” é a forma

de um núcleo psicótico no interior de um modo perverso de funcionamento que, além disso, ocupa grande parte da vida psíquica. Por isso é impossível prestar atenção, o que é diferente da recusa de cumprir ordens. A recusa de cumprir ordens remete à parte neurótica, mas sua incapacidade de prestar atenção se deve ao fato de que sua cabeça é invadida pelo traumatismo e por quantidades de excitação que, além disso, são permanentes, porque um dos fatores mais sérios, seu primo, continua existindo.

Falando com a Norma antes de iniciar esta reunião, eu disse: o problema é o lugar dos pais. O que acontece com esses pais, com aspectos rivalizantes paternos, que, quando saem de férias, levam alguém que põe seu filho em um lugar feminino. Isso é determinado por um aspecto rivalizante masculino? Eu não sei se vocês mensuram a importância de levantar duas ou três hipóteses a serem comprovadas, sem a necessidade de elaborar afirmações. Nossas hipóteses são da ordem dos fantasmas e da libido que está em jogo. Nosso método é permanentemente constituído de hipóteses a serem confirmadas ou refutadas no processo de interpelação da clínica. Logo, não posso saber se o pai o faz por uma razão ou outra até que eu conheça mais elementos da forma do funcionamento do pai.

O que mais me importa é enfatizar, nesse caso, a coexistência do seguinte: do lado do gênero, não há dúvida de que esta criança não é homossexual nem quer ser homossexual. Trata-se de um menino que quer ser um homem e que, além disso, faz o possível para restituir a masculinidade. Entretanto, sua masculinidade vai estar sempre em risco devido ao conflito com algo da ordem, não da ordem da homossexualidade do ego, mas sim do desejo plasmado a nível de um gozo sentido na relação com outro e do que Laplanche chama, do lado do traumatismo, de enigma. Por que me fez isso? O que viu em mim? O que há em mim que o levou a fazer isso? São questões que o homem se pergunta diante do episódio de sedução, assim como a mulher se pergunta diante da situação de violação. A mulher se

pergunta, ante a violação, o que o violador viu nela para elegê-la como vítima; o homem se pergunta, ante o episódio de sedução, o que o violador ou sedutor viu nele para elegê-lo como *partner*. Isso é uma tentativa de ordenamento, não a causa. O problema é não convertê-lo em causa. Há uma diferença entre a teoria espontânea que o sujeito realiza a respeito de sua história e que nós consideremos essa teoria espontânea como da ordem da causalidade psíquica. Essa teoria é uma tentativa de elaborar uma resposta e assume a forma de um fantasma, mas esse fantasma é uma resposta do traumatismo, não o antecede. Ele é posterior. Assim, temos de ver de que maneira se articulam essas formas.

Levanto três questões para concluir a reflexão sobre uma prática com crianças. Em primeiro lugar, a ideia de um processo em constituição. Eu acrescentaria, a partir do que Kenia colocava, o problema da diversidade estrutural, no sentido de que possa haver correntes perversas da vida psíquica sem que necessariamente a estrutura em sua totalidade seja perversa. Chamamos de correntes perversas aquelas da ordem da compulsão, que assumem o caráter de organização da vida psíquica a serviço da preservação da ação. Nesse sentido, o polimorfismo perverso, como diria Lacan, se caracteriza pela acefalia da pulsão, enquanto a perversão se caracteriza pelo fato de o sujeito estar colocado em um lugar no qual pretende a des-subjetivação do outro a seu próprio serviço. Já há o reconhecimento da existência do outro e a des-subjetivação. De qualquer modo, creio que a localização do ego na tópica e a relação do ego com o superego definem a passagem do polimorfismo perverso à perversão.

Em segundo lugar, deve-se levar em conta que se pode produzir correntes na vida psíquica de caráter compulsivo que podem se tornar perversas quando o aparelho termina de se constituir ou assumem outras formas de organização psíquica, que implicam abordagens diferentes. A recusa perante as ordens da professora é uma forma de masculinização que pode

ser interpretada porque tem sentido, como dizia Freud, inconsciente – tomando em sentido amplo, pré-consciente. Há um fantasma pré-consciente que o obriga a masculinizar-se diante da ação. O termo “caquinha peluda” só pode se ligar através da construção de pontes simbólicas ou de simbolizações de transição que permitam rearticulá-las de um modo que não seja o da passagem à motricidade ou à linguagem, porque é da ordem do arcaico e não do originário. Então, embora o recalçamento originário esteja constituído, os traumatismos sofridos dão origem a modos que não são desorganizações da vida psíquica, mas sim interrupções de aspectos que não puderam organizar-se e que colocam em risco a organização da vida psíquica, exigindo, assim, uma preservação.

Segunda questão. Nos tempos de constituição, as alternativas de correntes determinadas pelas variáveis levam a modos de funcionamento libidinal, ao contrainvestimento e à forma como tudo isso ordena a sexuação. Se voltassem a me perguntar sobre o lugar da castração, eu lhes diria que me interessa a forma como se define a sexuação no interior dos processos que levam à passagem do recalçamento originário e secundário. Creio que é o momento em que se define o lugar da sexuação.

A terceira questão relativa à psicanálise de crianças é a relação existente entre os desejos – inconscientes e conscientes – dos pais e a forma como esses desejos permitem não somente plasmar formas metabólicas na estrutura da criança, mas também gerar ações que intervêm a partir do exterior também. Por exemplo, o primo não foi escolhido pelos pais para fazer isso, mas a forma como os pais metabolizam o acaso é condicionada por seus próprios fantasmas. Precisamos ser muito cuidadosos ao trabalhar isso no interior da relação com os pais, sem propô-lo como efeito de seu próprio desejo. “Vocês escolheram e levaram.” Não, isso se produziu sobre isso, que é o que impede vocês de manejar de outro modo. Quais fantasias, quais recordações? Quais questões? A culpa da mãe com a irmã, a rivalidade do

pai com o filho? Não sei. Isso é o que tenho de explorar e ajudar a articular hipóteses. Se for necessário, em algum momento, sim, tenho de proibir. E não elementos educativos. Sempre seria na ordem da constituição do psiquismo e na ordem da singularidade, nunca da generalidade educativa. Essa é uma questão central quando temos de ajudar os pais a tomarem uma decisão ou propor uma decisão. Não se deve dizer aos pais o que fazer, mas sim colocar a situação. Isso me parece central para que não ocupemos o lugar de educadores e pedagogos. Não se pode discutir, como médico, se as correntes de ar são boas ou más, mas se pode dizer, caso essa criança esteja com tuberculose, que não se pode levá-la desabrigada à rua. Temos de nos afastar de qualquer discussão ideológica com os pais para colocar a questão em termos do que é adequado para o caso, e a explicação do que isso produz. A partir disso, trabalhamos com eles o que impede o cumprimento da prescrição. Essa é uma questão central no trabalho com os pais, que não deve se converter em um debate de opinião. É bom ou ruim tomar banho com as crianças? É bom ou ruim que venham as namoradas dormir na casa com os namorados? Não podemos colocá-lo aos pais em termos de ideologia ou do que é correto. Isso é precisamente a psicologização da psicanálise. Há premissas gerais que devem ser colocadas, mas em termos do que representam nesse caso concreto. Uma das coisas que digo aos pais quando ocorrem coisas desse tipo é que, na medida em que não tem resolução na vida da criança, a excitação sexual não tem resolução na mente da criança. Confrontar-se com a excitação sexual, seja da ordem que for, implica um esforço enorme para o psiquismo infantil. Nós, adultos, temos nossos modos de resolvê-lo, mas sempre insisto que, quando Freud fala de prazer preliminar, ele fala do lugar de quem já sabe como termina, uma vez que o prazer preliminar é prazer preliminar como incremento de excitação, pois sabemos que vai baixar. Por que as mulheres frígidas não toleram a excitação? Porque sabem que a excitação as deixa excitadas e impossibilitadas de resolver essa excitação. É por isso que não querem nem que as toquem. O que é uma impossibilidade de resolução da excitação se

transforma em uma defesa diante de toda excitação. Tomem esse modelo para pensar a criança. A criança não tem resolução da excitação sexual, sendo, portanto, obrigada a realizar uma tramitação constante da excitação que recebe.

Posso explicar isso a pais com certo nível cultural, explicar porque penso que existem certas coisas que devem ser cuidadas. Porém, há outras questões que não podem ser discutidas e têm de ser colocadas, como nesse caso concreto. Não posso dizer à mãe que não leve mais seu sobrinho porque estar com primos violadores faz mal às crianças. Em vez disso, posso dizer que há, aqui, uma situação séria e perguntar o que representa isso para eles. “Isso desorganiza permanentemente o seu filho. Por que vocês acham que têm de seguir levando-o? Não são brincadeiras de criança, são práticas sexuais.” O pai desse menino disse que é uma brincadeira de criança. Ainda, ele diz à terapeuta: “mas você sabe o que são brincadeiras sexuais infantis?” Não, não são brincadeiras sexuais infantis. Brincar de doutor, no quarto escuro, é uma brincadeira sexual infantil. Há práticas sexuais infantis que são mais benignas, tocar-se, olhar-se entre pares. Isso não é uma brincadeira sexual infantil.

Então, creio ser preciso reelaborar uma teoria sexual infantil, e não como uma teoria em dois tempos, mas sim como duas sexualidades, pois a segunda não é posterior à primeira, são dois tempos biológicos, como colocava Freud. A primeira, como afirmou Laplanche, é uma antecipação na qual o adquirido antecede ao inato. O que a criança recebe do adulto produz um tipo de sexualidade que não é genital. A segunda é aquela da ordem do desenvolvimento puberal e do instinto, mas, quando se produz, já encontra todo o terreno ocupado pelo pré-genital, da ordem da inscrição. Essa forma de reformulação da teoria sexual deve nos conduzir a propor o lugar que reservamos, em nossos diagnósticos, aos transtornos de gênero e aos antecedentes dos modos de constituição da sexualidade na infância,

uma sexualidade normal ou patológica futura, para ir criando as condições de um ordenamento que possa evitar rupturas psíquicas ou perversões, que são cada vez mais as formas dominantes de derivação da patologia infantil.

Discussão

Pergunta: [inaudível]

Resposta: O fantasma é uma forma de ligação do traumático, uma teoria, uma forma de ordenamento. Há fantasmas anteriores a um traumatismo, mas o que o traumatismo faz é precisamente constituir algo diferente. O traumatismo, como coloca Freud no “Projeto”, se articula nesse momento e se reordena através de um fantasma, de uma forma a partir da qual se elabora uma teoria que permite explicar o horror que o psiquismo tem à energia livre. O traumatismo desencadeia uma energia que apresenta duas possibilidades: ou ser contrainvestida ou ser ligada. A forma de ligação é sempre uma ressimbolização, uma transcrição. Nesse caso, a forma da religação é uma restituição machista. O interessante é que, nessa criança, devido à sua idade e aos outros fatores, ela se arma como uma formação de caráter. Formação de caráter quer dizer traços dominantes no Ego, que atravessam toda a vida psíquica. É uma definição freudiana de traços de caráter, formas de contrainvestimento, modos secundários de ordenamento no ego contra as pulsões. Aqui, temos caráter genital. O que Freud chamou de traços de caráter em sua época aparece ou não sob diferentes modelos. Há, aqui, um processo de masculinização, reativo, sempre com fantasma de homossexualidade atrás. Logo, todo o ego se organiza em torno disso, salvo as partes que não conseguem ligar-se. O fantasma subjacente seria: “Não posso me deixar submeter porque me converto em mulher”. Esse é o fantasma, que, por outro lado, poderia ser da ordem do desejado também. Contudo, o desejado não é um desejo de ser mulher, mas sim, talvez, de

um contato de recepção da masculinidade através de um homem. Não vou abordar esse tópico hoje, mas creio que a psicanálise tem uma terrível dívida com esse tema por ter postulado, a partir da teoria da bissexualidade constitutiva, duas sexualidades coexistentes no inconsciente ou das origens, ter entendido os fantasmas homossexuais das crianças ou dos homens como independentes e homossexuais e não, na maioria dos casos, como desejo de masculinização através do contato com outro homem. É uma dívida enorme da psicanálise, pois ela interpretou como homossexualidade os fantasmas de masculinização. Ela interpretou, por exemplo, na transferência do paciente masculino com um analista homem, que o desejo homossexual do paciente é uma homossexualidade e não o desejo de receber do analista a potência ou o que quer que seja. Temos de dar conta, perante a humanidade, de dois erros graves, éticos e teóricos. O primeiro é termos considerado o abuso como efeito da fantasia da criança, termos invertido os termos. O segundo é termos considerado os fantasmas homossexuais, em sua totalidade, como efeito de uma corrente independente homossexual e não como busca de masculinização, no caso do homem, com a lesão que isso impõe. São questões que temos de revisar com seriedade e que partem da psicanálise de crianças.

Perdão, mas há uma coisa extraordinária que quero contar, algo que me ocorreu no ano passado com um menino maravilhoso, que me olha e me fala sobre o prazer que sente com seu pênis, de como gosta de se tocar. Então, de repente, me diz: “Não tens pinto.” Eu lhe digo: “não, não tenho pinto”. Ele me diz: “não, tens vulva”. Me diz, com muita pena, que estou perdendo com isso e, imediatamente, afirma: “Ai, que medo”. Então, em vez de interpretar a castração, priorizei o contexto de amor que estava circulando. O menino teme que a mulher arranque seu pênis. Mas, me digam, qual é o desejo subjacente à castração no homem? Ele pode ser da ordem do submetimento ao pai ou de doação à mãe. E isso também não se leva em conta. Temos de começar a escutar isso em nossas crianças

de outra maneira. Não é algo que modifica a teoria psicanalítica, mas sim os conteúdos específicos de uma época ou as associações dos pacientes em teoria. Isso não quer dizer que a angústia de castração não provém, no homem, do temor que lhe arranquem o pênis ou do desejo de doá-lo à mulher. Há homens que têm medo de que lhe arranquem e outros que querem doá-lo, ou que, em um momento, querem que o arranquem e, em outro, querem doá-lo... Com isso, quero dizer que não devemos transformar os fantasmas em teoria. Aqui, há um problema epistêmico importante: como Freud é um positivista, ele considera, em última instância, através do fantasma do paciente, que a livre associação corrobora a hipótese singular como universal. É aí onde perdemos, porque os fantasmas são teorias e não o são, são teorias individuais.

Pergunta: [inaudível]

Resposta: Creio que incluo nisso o que lhes dizia antes: que lugar ocupa o polimorfismo, que lugar ocupa a sexualidade pulsional, em que momento se articula o gênero, de que maneira se ressignifica a sexualidade? É homossexual? Não, é homossexual *a posteriori*. É como ocorre com os gregos ou com os zâmbios. Não há homossexualidade aí. A homossexualidade é a forma como o ego qualifica os desejos uma vez estabelecidas as diferenças.

Pergunta: [inaudível]

Resposta: Justamente. Creio que Laplanche tinha razão quando o colocava como um mito. Mas creio que a minha tentativa de clivar os enunciados freudianos e separar o que é da ordem da subjetividade histórica daquilo que é da ordem da constituição psíquica tem a ver com o seguinte: se eu afirmo que o Édipo é a proibição que a cultura exerce sobre o adulto a respeito da apropriação do corpo da criança, homossexual, heterossexual, pai só, mãe só, dá no mesmo. Portanto, o problema atual é que tenho de

mudar a palavra Édipo, ou colocar... por exemplo, a palavra átomo deve ser modificada na física, porque se descobriu que átomo não é a unidade, mas sim um composto? Quando, para os gregos, o átomo era a decomposição da matéria até o último lugar ou o que compunha tudo como em Demócrito. O problema não é mudar isso. Devemos conservá-lo e mudar os conteúdos, apontar que surgiu em uma época na qual assumiu a forma de um mito clássico.

Proponho uma dupla intervenção. Por um lado, o fato de que o Édipo não provém da criança, mas sim do adulto, porque, além disso, a criança, ainda que a mãe quisesse casar-se com ela, não poderia consumá-lo. Nós, analistas, parecemos estúpidos, às vezes, por não nos darmos conta disso. Suponhamos que deixássemos que a criança se case. O que faria? Então, há algo da ordem da apropriação do adulto. Eu conservaria esta palavra, Édipo. A expressão que decididamente não gosto e que julgo como confusa e perigosa é o conceito de Lacan de “Nome do Pai”. É uma expressão gravemente perigosa neste momento, porque se liga a um dos termos do Édipo clássico: a função de proibição e pautação. Enquanto o conceito de Édipo em Freud transcende as épocas, vem dos gregos, o conceito de “Nome do Pai” só pode acunhar-se na sociedade patriarcal, sob os modos atuais de cultura. Nesse sentido, esse conceito produz uma enorme confusão a respeito do problema da autoridade. Então, creio que essa expressão eu não conservaria. Eu falaria em modos de interdição do gozo que implica uma triangulação ou da forma de intervenção do terceiro.

Porém, surpreende-me muito o quão rapidamente alguns enunciados de Lacan envelheceram, o que não ocorre com alguns enunciados de Melanie Klein, que seguem tendo vigor histórico. O conceito de inveja de Klein segue sendo central. Se vocês tomam as funções alfa e beta de Bion, não há nenhum problema em utilizá-las. É muito impressionante como a proposta de Lacan, salvo essa ideia inteligentíssima de considerar o Édipo

como quatro termos, fica igual aderido aos modos relacionados com a forma clássica. Então, eu conservaria o conceito de Édipo aplicando essa mudança, assim como conservaria o conceito de pulsão, colocando-a como efeito de uma pulsação. Fico horrorizada com textos psicanalíticos cujos autores desconhecem tudo o que está ocorrendo. Na Argentina, seguem dizendo que a homossexualidade dos filhos é produto de uma mãe fálica, o que já é um escândalo, pois a homossexualidade está determinada por um conjunto de variáveis, inclusive por uma falha da mãe, mas também pela impossibilidade de articulação do ego e da identificação originária. Contudo, o mais grave é que os americanos, que agora se tornaram politicamente corretos, aceitam a homossexualidade e tentam uma conciliação com as teorias biológicas para não desmantelar o modelo do Édipo clássico. É feroz isso, é mais grave. O recurso à biologia, que aparece na psicanálise em alguns personagens, muito especialmente em Kernberg, é impactante. Contaram-me que, no último Congresso da IPA, Kernberg disse: para borderline tal medicação, para isto, tal outra. Um nível já que não se pode crer. Claudicação das explicações psicanalíticas da constituição psicosssexual ou aplicação antiquada, impossível de ser sustentada hoje. Creio que, em relação a essas duas questões, deve-se traçar novas considerações, partindo dos problemas freudianos da constituição psicosssexual da infância. Creio ser este o ponto central. Vocês sabem que, em torno do problema do autismo, tem-se jogado, nestes anos, a discussão a respeito do caráter da realidade psíquica: se é de origem biológica ou não. O autismo não tem nenhuma incidência epidemiológica, mas tem sido o ponto de partida para a discussão do problema da maternagem e da representação. É por isso que os laboratórios têm gastado tanto dinheiro discutindo o autismo. É como nas guerras... uma montanha que não serve para nada, mas que serve de parâmetro para definição das posições. Em minha opinião, isso vai ocorrer, agora, com os estudos sobre os filhos de homossexuais. Vão ser colocados precisamente para mostrar a questão genética quando, na realidade, o que devemos fazer é revisar nossa teoria sobre a constituição do sexual. Eu tenho

uma grande quantidade de material de estudos sobre esse tema. Um dos cavalos de batalha dos homossexuais é que eles são filhos de heterossexuais e, portanto, não há razão para propor que os homossexuais não possam ter filhos. É impecável o raciocínio. Se eles são filhos de heterossexuais, por que não podem ter filhos heterossexuais? Porém, não passa por aí a questão. Porque, a esta altura, isso francamente não me importa. O que mais me importa atualmente é o problema da constituição psíquica a respeito dos graves riscos que existem em relação ao que Freud chamou de pulsão de morte. Impossibilidade de sua constituição ou rupturas possíveis (digamos, no tema das psicoses) ou as formas de organização das perversões, o sadismo e as compulsões. Depois, se o objeto amado, amado e eleito, for homo, hetero, ou o que for, porque a esta altura as coisas que se passam na humanidade são esquisitices... sobretudo, quando a humanidade sofre o risco de desaparecer porque já não há o problema da procriação biológica. Mas acredito que, talvez em um século – e isto é terrível para mim, mulher desta época –, homens e mulheres poderão decidir ter seus filhos em uma proveta e nós seremos vistas como mulheres do passado, que carregavam a cria durante nove meses, sangrávamos para pari-la, deformávamos nosso corpo – uma porcaria animal, realmente. Isso traria consigo duas questões. Primeiramente, a proeminência da mãe sobre os filhos se acabaria – o que me causa horror, francamente. Porém, ao mesmo tempo, haveria um novo modo de resolução do acoplamento e da escolha. Isso não quer dizer que a humanidade vai encontrando suas formas de regulação e ordenamento e que nós, psicanalistas, descobrimos que essa regulação e esses ordenamentos são da ordem das organizações desejanter e de seu destino amoroso, nada mais. O que não posso fazer é projetar o futuro.

Há momentos extraordinários na obra de Freud. Por exemplo, o tema da procriação está no centro da problemática sexual na obra freudiana, pois não existiam anticoncepcionais na época de Freud. Era um problema muito sério em sua época. Hoje temos outros problemas. Contudo, na sua época,

o problema era esse. Não é certo que hoje seja pior que antes, em nada. Não estou convencida de que antes a humanidade era maravilhosa: matou os turcos, os indígenas, construiu campos de concentração... que sei eu! O que vem será pior? Creio que são temores de velhos! Os psicanalistas transformam, às vezes, em teorias seus temores de faixa etária. Transformam em temor sua própria idade e colocam seus temores como algo da ordem da teoria... e não!

Pergunta: [inaudível]

Resposta: Para mim, “caquinha peluda” é a própria forma de organização do traumático. É algo, uma condensação do visto e do ouvido, que se organiza como um resto impossível de ser metabolizado ou transformado pelo psiquismo e que, então, assume uma forma de progressão. Nesse momento, através da linguagem; em outros momentos, pode ser sob outras formas. Posso intuir que “caquinha peluda” é uma mescla de pelo pubiano e pênis ausente, uma condensação entre uma presença forte e uma ausência. Pode ser, também, uma significação anal restitutiva. Mas o que importa é que aí se condensou algo que tem a força de uma representação de caráter compulsivo.

Pergunta: [inaudível]

Resposta: É interessante que o episódio traumático com o primo se produza no momento em que a mãe está amamentando o irmão. A força traumática também pode estar relacionada com o fato de que o outro lhe oferece algo para chupar em troca do que ele não tem. Então, há muitos elementos para ir pensando. Não quero transformar o acaso em algo pré-determinado, pois creio que cairíamos, então, em um nível de determinismo em que tudo já estava inscrito desde sempre. Se cairmos nisso, já estabelecemos a equivalência entre seio e pênis, dizendo, com isso, que o que ele queria

chupar era um seio. Não, ele queria chupar um pênis. Mesmo que, nesse momento, o pênis fosse um peito. Mas o que o angustia é querer chupar um pênis, porque é como se nós, analistas, interpretássemos sobre a base do que está no fundo.

Pergunta: [inaudível]

Resposta: Sobre que terreno entra o traumático, se esse terreno não lhe determina, mas, ao mesmo tempo, lhe dá uma qualidade que não existia anteriormente? Suponhamos que estou trabalhando a parte mais neurótica. Então, trabalho tudo que tem que ver com seu machismo, como uma forma de se defender, sua angústia de passivização etc. Depois, posso dizer-lhe que ele, além disso, deveria se sentir muito mal porque a mãe dava o peito ao irmão, que talvez a oferta que lhe fez o primo foi algo... estou falando de abduções, de pôr em contato uma coisa com a outra, do estabelecimento de hipóteses. Creio que esta é a diferença entre esse modo como estamos pensando a clínica psicanalítica e a certeza com a qual se interpretava antes, como se houvesse uma representação inconsciente que sempre respondia a uma pré-consciente.

Pergunta: [inaudível]

Resposta: O que importa é que isso, evidentemente, não é da ordem do recalcado. “Caquinha peluda” não é recalcado. Logo, tenho de propor pontes simbólicas para isso, quando apareça, sabendo que é o núcleo menos organizado e o que apresenta maior risco ao psiquismo, embora, para a família e para a escola, o mais problemático atualmente seja a parte mais neurótica, visto que impossibilita seguir a escolaridade. É interessante: o mais urgente em sua vida é o mais neurótico, embora o mais perverso seja o que lhe impeça de pensar, pois está com a cabeça todo o tempo ocupada com isso.

Eu tenho abandonado, neste momento, o temor de não descobrir nunca. O que me importa é que, se não descobro, ao menos já não tenha efeitos. Quero dizer, me ponho contra a curiosidade... Tenho que saber por que deixou de ter efeito. Isso tenho que saber. Se não sei por que deixou de ter efeitos, vai voltar. Parece-me que o que está ocorrendo em relação às hipóteses clínicas é o mesmo que se está pensando em relação à teoria: que a teoria se define pelas doses de verdade que tem, pela sua capacidade explicativa e pela possibilidade de abarcar um conjunto de fenômenos. Então, renuncia-se a uma verdade última. Crê-se nas verdades propostas porque se crê que são ordenadoras e permitem conhecer mais. Porém, abandona-se a ideia de uma verdade última, trabalhando com a confrontação permanente de hipóteses. Creio que o modelo com que estamos trabalhando é um modelo muito mais fecundo do que um modelo biologista ou estruturalista... e muito mais divertido. Sim, muito mais divertido. Por aí, dentro de um tempo, deixa de sê-lo.

Pergunta: [inaudível]

Resposta: Escrevi um texto para o jornal Clarín em que digo que a psicanálise pode ser sepultada durante vários séculos, como ocorreu com a teoria de Starco de Samos até Copérnico recuperá-la. Ela pode ser sepultada pela estupidez humana, por suas próprias impossibilidades. No entanto, a humanidade ficaria sem a única teoria que pode explicar os processos de produção e recriação simbólica. Disso não há dúvidas. Não como uma teoria de cura, mas como uma teoria que pode explicar os processos de transformação e produção simbólica. Agora, creio que os analistas confundem a morte de um modo de exercício da prática com a própria psicanálise. E isso me horroriza, porque creio que, com a psicanálise, pode ocorrer o mesmo que se passou com o socialismo: implodir de dentro, não pela força de seus inimigos, mas sim por suas próprias impossibilidades anteriores. O socialismo não foi derrotado pelo gigantismo e inteligência do

capitalismo. O que o desmantelou foi sua própria impossibilidade intrínseca. Então, estou preocupada com o futuro da psicanálise, mas também sei que não estou disposta a sustentar essa psicanálise que me parece lamentável, de certezas, de usufruto, de confusão epistêmica, nutrida pela crença de que se pode opinar sobre tudo no mundo, com dificuldade para entender os fenômenos de produção de subjetividade, de moralismo.

É impressionante que, hoje, tem caído a transferência sobre o campo. Cada um tem de produzir suas transferências. Todavia, o mais impactante é que todos devemos voltar a construir a transferência, porque desfrutamos mal da transferência sobre o campo analítico. Claro, os pacientes elegem pessoa, não escolas. Creem em gente. Este é um fenômeno de fim de século. Creem em pessoas, em éticas, creem em um modo de posicionar-se diante de prática...

Bom, de qualquer forma, creio que há muito para fazer e para pensar, que nossas ações futuras devem ser continuamente definidas e por uma ruptura total, também, do entronizado e do mediocrizado. Acredito que temos de começar a construir novos espaços. Novos quer dizer, também, novos modos de pensar, de trocar, de estudar, de compartilhar, e com pouca concessão ao velho. Creio que cada concessão ao velho leva ao deterioro. Refiro-me ao velho não só em termos de ideias, mas também em termos de propostas. Não se pode mais reproduzir os modos institucionais anteriores. E há 300 instituições já neste momento aqui. E são como os velhos partidos trotskistas – onde havia dois trotskistas, havia dois ou três partidos. Numa época era assim. Aqui, quando há dois psicanalistas, há três instituições, e na Argentina ocorre o mesmo. Então, depois se faz um *pool* de instituições que se juntam. Começamos a fazer circular ideias. E aqui há espaço para pensar.

Porto Alegre, outubro de 1999

Revisão gramatical de **Bruno Konkewicz**

Revisão técnica de **Kenia Maria Ballvé Behr**

© Constructo Revista de Psicanálise